

PAIM PAMPLONA

Vímo-lo pela última vez em 21 de Agosto de 1954, na reunião do Conselho Superior da Federação Espírita Brasileira, aonde o levava sua dupla função de membro daquele Conselho e do Conselho Fiscal. Alto, esbelto, com a cabeça toda branca, sereno e tranquilo, antes de subir as escadarias até o segundo andar da Casa de Ismael.

Já se achava enfermo, no 83.º ano de existência, sem forças para subir tantos degraus, mas a sua presença era um dever, e Paim Pamplona pertencia a uma categoria de homens raros que não discutem deveres: cumprem-nos religiosamente em silêncio. Chegou sufocado pela dispneia, quase morto, ao segundo andar, onde se realizava a assembleia, e teve de ficar longo tempo diante de um ventilador, recobrando as forças perdidas na ascensão.

Paim Pamplona era assim: não media esforços para prestar serviços; considerava sagrados todos os deveres, desde os mínimos até os máximos, e os fazia com tanta singeleza e simplicidade que passava quase despercebido num mundo onde muito se alardeia e em que a exemplificação se torna escassa.

Tinha a matrícula n.º 1 no quadro dos sócios vivos da FEB. Era o mais antigo de todos. Entrou para a FEB quando jovem Guarda-Marinha. Depois foi ascendendo em sua carreira até atingir o posto máximo, o de Almirante, sempre com a mesma humildade modelar e espontânea que caracteriza o espírito realmente superior. Jamais se impacientava, nunca se aborrecia nem punha em evidência sua autoridade, sua energia muito acima do vulgar.

Além de suas funções na Marinha, foi professor no Colégio Militar, como lente de Geografia; fundou e dirigiu em Todos os Santos o "Colégio Nacional".

Nos trabalhos doutrinários exerceu com abnegação as mais diversas funções.

Na FEB foi chamado a muitos postos, inclusive ao de presidente nos exercícios de 1927 e 1928; de Membro do Conselho Fiscal e do Conselho Superior, funções que exerceu até à desencarnação.

Foi presidente por vários anos do Asilo de Órfãos "Anália Franco" e continuou sempre como membro do seu Conselho Administrativo.

Era membro do Conselho da "Casa da Mãe Pobre".

Em sua longa carreira doutrinária, ensinava através do exemplo. Não era visto à frente dos espíritas, mas sempre em meio dos espíritas. Seu nome não aparecia nos jornais. Sua voz não se ouvia nas tribunas.

Chegou ao fim dessa encarnação modelar, após oitenta e três anos e vinte e quatro dias sobre a Terra.

Em 4 de Março de 1955, em sua residência à Avenida Maracanã, n.º 411, desencarnou o Almirante reformado Francisco Vieira Paim Pamplona, deixando viúva a

Exma. Sra. D. Eleuzina Paim Pamplona, mais conhecida carinhosamente pelo nome de Biossa, com quem foi casado durante 57 anos, bem como três filhos e três filhas: Cel. Sílvio Paim Pamplona, Srs. Arnaldo Paim Pamplona, alto funcionário federal, Darcy Paim Pamplona, eng.º mecânico, e Sras. Elza, Milza e Marina, todas casadas, e numerosos netos.

Francisco Vieira Paim Pamplona nasceu no Morro do Paim, de propriedade de seu pai, que deu o nome ao lugar, em Sampaio, Distrito Federal, no dia 8 de Fevereiro de 1872. Aqui passou sua longa existência física, e o velho instrumento de suas atividades materiais foi sepultado no Cemitério de S. Francisco Xavier, em 5 de Março de 1955.

Ao sepultamento compareceram numerosos oficiais da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, representações oficiais e de instituições.

Pela Federação Espírita Brasileira achavam-se presentes os Diretores Pereira Marques, Getúlio Soares de Araújo e João de Oliveira e Silva, e foi orador o Prof. Nilton de Barros. Em discurso vibrante e comovedor apresentou ele as despedidas dos servidores do Espiritismo ao seu modelar companheiro, cujo aspecto material naquele momento desaparecia dos nossos olhos físicos.

Diante de um público das mais diversas formas de crença e descrença, aquela despedida se tornou edificante propaganda do ideal espírita



que orientou a vida de Paim Pamplona. Era o penúltimo serviço que o grande exemplificador prestava à nossa causa, em seu modesto silêncio de homem que prega pelas obras e não pelas palavras. Ainda não era o último, porque outro ato seu foi o deixar em legado à FEB a sua preciosa biblioteca, que ficará à disposição dos estudiosos.

Assim desapareceu da superfície da Terra um homem que em oitenta e três anos de vida, ocupando posições de comando, exercendo autoridade, nunca teve um desafeto: soube conquistar igualmente os corações dos bons e dos maus, pela bondade, pela paciência, pelo amor, pela humildade.

Baixo Espiritismo ?

Do livro "Princípios e Fins do Espiritismo", da autoria do Sr. Medeiros Correa Júnior e publicado pela Cruzada dos Militares Espíritas, de Alegrete, transcrevemos:

«No caso particular do Brasil e dentro do setor religioso-filosófico, que nos está interessando, o Espiritismo não poderia ser compreendido e aceito, da mesma forma, pelo selvagem e pelo negro aqui reencarnados, agora habitantes da cidade, e por aqueles brancos de cultura europeia, também reencarnados aqui. Os primeiros, ainda de psiquismo rudimentar, diante das manifestações do invisível, cedendo às suas inclinações subconscientes, fortalecidas nas vidas anteriores, não podem fugir aos seus velhos hábitos, e, daí, os seus queridos rituais, as expressões idolátricas de sua adoração, as invocações a caboclos e a pais-de-santo, a lembrar a selva e o solo africano distantes. Os segundos, mais adestrados espiritualmente pela evolução, sentem-se libertos de qualquer prática exterior e trazem a mente limpa de atavismos perniciosos, assimilando racionalmente os princípios doutrinários do Espiritismo, sem dificuldade. Não há, já se vê, um Espiritismo baixo e um Espiritismo alto. O que existe é este fato simples: homens de inferior ou superior índice evolutivo, que sentem a Doutrina de acordo com a sua psicologia.

Fode-se, então, admitir um afro-espiritismo e um índico-espiritismo, como uma incapacidade para sentir, na sua realidade e utilidade, o verdadeiro fenômeno psíquico. Se os fenômenos às vezes são inferiores é porque inferiores são aqueles que os motivam. Foi por essa razão que, de início, exaltámos a necessidade da leitura constante. O livro realizará, paulatinamente, a transformação de ideias e sentimentos entre os que ignoram as leis espirituais, o mecanismo do intercâmbio entre os dois planos de vida e as lições indispensáveis do Evangelho.

Ao invés de condenar o que, imprópriamente, se passou a denominar «baixo Espiritismo», cumpra aos que melhor compreenderam os objetivos da Doutrina Espírita difundir o ensino, fomentar a caridade, fraternizando amplamente com

Fenômenos espíritas atestados pela Igreja Católica

Lemos com muito interesse o livrinho do professor Padre Modesto Carolfi — *La Virgolino de la Malriculoj* —, publicado com aprovação das autoridades religiosas, sobre as aparições em Banneux, Bélgica, de um belo Espírito que se disse a Virgem dos Pobres.

Quem via a aparição era uma menina chamada Marieta Becó, nascida em 25 de Março de 1921, e as aparições tiveram início em 15 de Janeiro de 1933, quando estava ela com 12 anos incompletos. Essa menina era indiferente por assuntos religiosos e tirava a nota zero nas lições de catecismo; raramente assistia à missa, como toda a sua família de gente rústica e pouco religiosa. Mas as aparições impressionaram-na profundamente e lhe deram uma religiosidade fervorosa, passando a obter ela o primeiro lugar nas lições de catecismo e tornou-se frequentadora assídua da igreja.

Foram feitas investigações minuciosas e escrupulosas pelas autoridades religiosas, ficando autenticada a realidade das aparições.

Já estão sendo construídas em diversos lugares igrejas a Nossa Senhora dos Pobres, e a pobre aldeia de Banneux já é alvo de peregrinações dos católicos de outros países.

No momento em que foi escrito o livro, Maio de 1954, estava iniciada em Milão a construção de uma igreja de Nossa Senhora dos Pobres, o novo título que tomou Maria de Nazaret com as aparições em Banneux, título que teria sido dado pela entidade, em resposta à pergunta da menina:

— Quem sois, bela senhora ?

— Eu sou a Virgem dos Pobres.

Não disse que é Maria de Nazaret, nem que é Nossa Senhora, mas, em interpretação católica, "virgem" significa a Virgem Maria ou Nossa Senhora.

Deve ser um Espírito muito bom, porque exerceu influência muito benéfica na vida da menina, sua médium, que, se for viva, está hoje com 34 anos.

De qualquer sorte trata-se de uma médium vidente "aprovaada" pela Igreja.

Na capa do livrinho vem em língua italiana — o opúsculo é em Esperanto — o endereço para o qual se podem dirigir donativos e pedidos de imagens, medalhas, água da nascente milagrosa, assinaturas do Boletim do Santuário de Nossa Senhora dos Pobres, opúsculos e monografias, listas para angariar donativos, etc.

Aqui fica o registo do fato.

esses agrupamentos ainda distanciados da verdadeira natureza do fenômeno mediúnico.

A presença de cerimônias, de danças, de cânticos acabocladados, de vestuários exóticos, nesses grupos religiosos, significa, justamente, a existência ali desses «selvagens» e «africanos» reencarnados e cheios de saudade de suas matas e terreiros. Muitos deles agora são de raça branca, mas o fato de gostarem dessas reuniões identifica-os, pelo imperativo da lei de afinidade, como membros de u'a mesma família, ligados por um mesmo parentesco espiritual.»